

Ensinar e Formar – desafios para um curso de formação psicanalítica. Reflexões acerca da experiência de ensinar Melanie Klein*

Teaching and training- challenges for a psychoanalytic training program. Reflections on Melanie Klein's teaching experience.

Suzana Alves Viana

* Trabalho apresentado na FEPAL 2018.

Resumo:

Neste texto, reflito sobre a questão de como transmitir o pensamento de Melanie Klein, num Curso de Formação em Psicanálise. A pergunta que me faço diz respeito a como o texto teórico pode se abrir, para vir a ser um texto com função analítica, no processo de formação de um analista.

Palavras-chave:

Ensinar; Transmitir; Transformar; Formação em Psicanálise.

Abstract:

This paper presents a reflection on how we transmit Melanie Klein's thought in the psychoanalytic training program. The question presented concerns how the theoretical text can be opened, becoming a text with analytical function in the analyst's training process.

Keywords:

Teach, transmit, transform, psychoanalytic training

ENSINO MELANIE KLEIN há uns bons 20 anos. Abordarei aqui o ensino teórico de Melanie Klein. Pareceu-me que seria útil, para mim e para aqueles que aprendem comigo, refletir sobre a faceta desta experiência, que exige uma *transformação* da apropriação cognitiva.

No processo de ensinar e de aprender Psicanálise, dois lados da mesma moeda, o desejo de aprender/ensinar está comprometido com uma ‘*trans*-formação’.

O prefixo *trans* é reencontrado em outra palavra, bem conhecida no léxico psicanalítico: ‘*trans*-ferência’. *Trans* nos remete à ideia de transporte. *Transportar para...* . Onde? Não o sabemos de antemão, mas deve ser capaz de nos surpreender. É com esse espírito que *construo* este texto. Tenho como proposta que o ensino em Psicanálise, numa formação de analista, deve criar condições para um ‘*trans*-porte’.

A aprendizagem específica de uma formação, a de analista, no caso, conduziu-me a perceber o quanto é necessário ter disciplina e coragem, para se entregar ao processo do conhecimento, tanto para quem está no lugar de *mestre*, como para aquele que está no lugar de *aprendiz*. Coragem e disciplina, para se deixar levar pelo livre fluxo, entre um lugar e outro.

Quando se preserva o pensamento insaturado, na leitura de um texto, não há limite para o conhecimento do mesmo.

Assim, penso que se pode ler Melanie Klein. Há uma potencialidade inesgotável, quando cada conceito se desdobra numa experiência singular. Quando leio o texto – Édipo Primitivo (1928) - e o releio, ano após ano, descobrindo outras coisas ou ajeitando melhor dentro de mim as percepções, percebo que, desde a primeira leitura, alguma coisa me escapava e continua escapando. Não a mesma coisa, mas talvez *a coisa*.

É o texto que mais trabalho me dá. Que alívio, quando o termino e vou apresentar Dick aos alunos - paciente de Klein, criança de 4 anos, às voltas com a formação do símbolo. É outro universo. Mas, por quê? Me perguntei então, quando redigia? Trata-se da questão do feminino? Em Klein, em mim? Ou, da apreensão, ainda que apenas cingida pela metáfora, dessa outra organização psíquica, que chamamos pré-genital?

O analista está sempre às voltas com sua própria questão. Elabora, no texto que escreve, aquilo que, nele, dele se derrama.

Encontro em Florence Guignard (2002) uma forma de trazer a questão e de teorizá-la, que me encanta. Em o *Sorriso do Gato. Reflexões sobre o feminino a partir da prática analítica* (referência a Alice no País das Maravilhas), Guignard (2002) pretende relacionar as teorias sexuais infantis, defensivas, necessariamente, com a sexualidade adulta genital inconsciente. Constrói o texto, na medida em que segue o fluxo de suas associações e, assim, procura

aproximar-se daquilo que sempre lhe escapa.

Nele, vemos a teoria em construção, tendo como eixo estruturador *a procura de um sentido para o enigmático sorriso*.

Este texto expressa o que entendo como pesquisa e me leva a reencontrar Blanchot (2001), quando equaciona *pesquisa à procura*: nela, a questão mais profunda e mais fundamental é apenas cingida, nunca alcançada.

Este é o movimento que penso dever estar presente, quando o analista se inclina sobre o texto.

A pergunta que me faço não diz respeito apenas ao ensino de Melanie Klein. Envolve a questão mais ampla: *como fazer do texto teórico, um texto com função analítica, no processo de formação de um analista?*

Que estrutura, ou essência, tem o ensino que ensina, criando condições para a produção de um pensamento próprio, ainda que este pareça tosco, sem se intimidar frente à própria produção. Produção e não reprodução.

Não apresentarei respostas, mesmo porque, já nos advertiu Blanchot (2001), que ela é a “desgraça” da pergunta.

Parodiando Bion (1974) em um dos seus seminários, em São Paulo:

Procurarei nesta Jornada fornecer um esboço da área, em que me sinto mais experiente, para expor minha ignorância e responder às perguntas que desejarem formular.

Bion (1974;2000) conta a lenda do Cemitério de Ur, onde se pode ler o nascimento da pesquisa científica. Nesse contexto, a pesquisa equivale ao saque dos ladrões que, enfrentando a lenda de que seriam mortos, ao adentrarem a sala onde estava enterrado o rei e seu séquito, *desvendaram* o campo onde estaria o tesouro do rei.

Mais que nunca kleiniano aqui, Bion reafirma que *a primeira pesquisa*, aquela que toda criança faz, envolve o *saque ao interior do corpo damãe. (Édipo arcaico)*

Não há construção de um conhecimento próprio e singular, sem certa irreverência.

Tenho plena consciência de que o que lhes trago é fruto de uma reflexão e experiência, sobre a qual poderíamos conversar durante muitas horas. Como este não é o objetivo, após ter apresentado algumas ideias, passo a lhes contar como tem sido a experiência que me levou a essas reflexões.

A experiência de escrever uma tese sobre contratransferência plantou as sementes dessas reflexões.

Ao terminar o doutorado, comecei a compartilhar ensinamentos sobre Melanie Klein. A obra de Klein não era (não é) apetitosa, ao espírito que trabalha com a Ideia (Eidos).

Quase simultaneamente, assumi um curso sobre contratransferência. A estrutura de ensino que usei, entretanto - na qual, equivocadamente acredita-

va -, excluía do curso aquilo que era a essência do tema: a contratransferência pode ser um *'dis-cursus'*, mas jamais um curso.

Procurando pelo sentido etimológico da palavra *'discurso'*, encontro a seguinte definição: “Ela vem do Latim *DISCURSUS*, particípio passado de *DISCURRERE*, “correr ao redor”, metaforicamente “lidar com um assunto de vários pontos de vista”, formado por *DIS-*, “fora, mais *CURRERE*, correr”¹.”

O sentido de “manifestação oral formal” é do século XVI.

Portanto, *'dis-cursus'*, do verbo *'discurrere'* tem o sentido de percorrer. Conota etimologicamente o processo dedutivo pelo qual se examina sistematicamente os diversos aspectos de um mesmo tema.

Acrescento também que esta definição se aproxima mais do sentido do processo que está em questão. Em particular, chamo atenção para o fato de que, mesmo ao percorrer os vários sentidos do que *'discurrere'* implica como escuta psicanalítica, ela se abre também para o ambíguo.

Ao separar o prefixo *'dis'* de *'cursus'*, pode-se pensar que existe um *'fora'* do percorrido, algo que nele não se inclui, que insiste que sua importância reside em permanecer *fora*. No caso da contratransferência, fora do domínio intelectual e, por vezes, emocional do analista.

Assim, o *'dis-cursus'* introduz uma ambiguidade de sentido, ou melhor, desvela que, por mais que se percorra um assunto, por todos os lados, alguma coisa escapa.

É impossível um curso sobre a contratransferência, mas é possível um *'dis-cursus'*. É da sua natureza ser fragmentada. É da sua natureza não ser apetitosa ao espírito, não poder ser *servida*, como explicação uniforme e homogênea. É da sua natureza dar trabalho ao espírito: pode-se esquivar da questão espinhosa, desdenhando sua importância, ou pode-se mergulhar nela, *'em carne viva'* - como dirá Pontalis, (2005) -, e *procurar*.

Assim também são os escritos de Melanie Klein, na medida em que refletem, ou buscam refletir, o sujeito (paciente), que está em questão.

Nunca poderia dar um curso sobre a contratransferência, nem um curso sobre Melanie Klein, mas posso fazer um *'dis-cursus'*. Um curso onde o fragmento é alçado à categoria de todo, assim como o objeto parcial, em Klein, é essa aparente bizarrice, que corresponde ao mais inconsciente do sujeito. Isto significa que procuro pela palavra que, nela, desvele que o todo é fragmentado.

Ao longo desse tempo que ensino, passei por uma *'trans-formação'*. Fui mudando constantemente os artigos que selecionava, para, através deles,

1 <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/discurso/>

passar aos alunos o que pretendia, mas continuava insatisfeita. Não me aquietava, ao ouvir o resultado do que lhes ensinava.

Como Klein não se presta facilmente à compreensão, no contato com os alunos, eu via um texto ‘decorado’ ou só ‘intelectualizado’. Há alguns anos, introduzi uma mudança, não de texto, mas de método. Passei a lhes pedir que me escrevessem sobre o tema dado em aula, desde um pequeno resumo das discussões ocorridas e dúvidas, até pensamentos que lhes ocorressem, relacionados ao tema. O envio era feito através de e-mails, e eu lhes respondia, o que me proporcionou um contato individualizado com o aluno/aprendiz. Então, ‘trans-formações’ começaram a surgir.

Trarei alguns exemplos, para suscitar uma reflexão sobre como um processo de transmissão pode favorecer a singularidade, profundamente desejável na formação do analista.

Um dos alunos, hoje colega, a partir de determinado momento, começou a me escrever suas associações com o texto, através de imagens, como um ideograma, o que nos levou bem além do texto conceitual: *imagens que falam*.

Uma aluna, após escrever o trabalho final, teve o seguinte sonho que acrescentou ao trabalho:

O Sonho:

Na terça à noite, anterior ao dia da entrega do trabalho, sonhei que estava sentada na sala de aula de Sedes, escrevendo o trabalho de comparação entre o caso Dick e Helen (referência ao caso Dick, paciente de Melanie Klein e Helen Keller). E a pergunta a ser respondida era: “qual o fator decisivo em Melanie Klein e Anne Sullivan que desencadeou a formação de símbolo?”. Após pensar e tolerar a ansiedade, escrevi que era a capacidade que as duas tinham de dançar junto com os seus pacientes. Não uma dança romântica, nem um balé, mas uma dança em que vão juntas, a cada ação de Helen tem uma reação de Anne.

Após acordar, inebriada com a imagem das duas dançando juntas, fiquei pensando que isso pode ser um fator decisivo do tratamento, poder seguir o paciente, dando limites e reagindo através da interpretação.

Outra aluna usou a poesia como forma de elaborar Klein. Com sua permissão, apresento aqui o poema e o comentário, que fez a seguir.

Klein em mim

*Tudo é muito
Dói
Dor de morte*

*É expelido
Inspiro
Queima
Faz vida.*

*Troca
Movimento
Eu e o externo
Invade
Acalenta
Viola
Forma.*

*Meu corpo
Início
Único
Possibilidade
O do outro
Ameaça
Abriga.*

*Organiza
Posiciona
Falha
Luta
Vence
Perde
Vive
Fernanda Zacharewicz*

Preenchendo lacunas

Poderia ater-me à costumeira e segura tarefa de escrever um trabalho teórico sobre os conteúdos desenvolvidos no seminário teórico: Melanie Klein I – as raízes do pensamento arcaico, porém não foi o que fiz. Não leio poesia, não entendo, não escrevo poesia. Esse trabalho saiu poesia. Saiu porque tomou-me, saiu porque respirei, expirei, organizou-se e deu-se. A insegurança dos acadêmicos, que se prendem a regras e normas, para saber exatamente o que se deve ser lido e o que pode ser escrito, faz (com que) eu escreva essa segunda parte, preenchendo lacunas, tentando tapar o medo do novo e do incompleto.

(O tempo não me permite apresentar o texto completo, mas vale a pena conhecê-lo).

Este *trabalho* 'trans-formação' permite-me ilustrar o pensamento-fragmento e a necessidade de preenchê-lo. E essa *distância infinita* entre um verso e outro só pode ser pensada, supondo a descontinuidade do pensamento. Entre um pensamento e outro, pode haver uma distância intransponível, cujo interesse reside, exatamente, no fluxo dos pensamentos que jorram, na *tentativa errante* de aproximá-los. (A *palavra plural* de Blanchot). E assim, pode-se vislumbrar um percurso próprio a cada um em sua forma singular de compreender a teoria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BION, Wilfred R. **Cogitações**. Rio de Janeiro: Imago, 2000. 432p.

BLANCHOT, Maurice. O pensamento e a exigência de descontinuidade In: BLANCHOT, Maurice. **A Conversa Infinita**. A palavra plural. São Paulo: Escuta, 2001. p.29-39.

GUIGNARD, Florence. O sorriso do gato. Reflexões sobre o feminino a partir da prática analítica cotidiana. In: GUIGNARD, Florence. **Cartas ao objeto**. Rio de Janeiro: Imago, 2002. p.118-132.

KLEIN, Melanie. Estágios iniciais do conflito edipiano. In: KLEIN, Melanie. **Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.214-227.

KLEIN, Melanie. Estágios iniciais do conflito edipiano. In: KLEIN, Melanie. **Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos (Obras Completas)**. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.216-227.

PALAVRA, Site Origem da. **Discurso**. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/discurso>>. Acesso em: 09 de julho de 2019.

PONTALIS, Jean-Bertrand. A partir da contratransferência: O morto e o vivo entrelaçados. In PONTALIS, Jean-Bertrand. **Entre o sonho e a dor**. Aparecida do Norte: Ideias & Letras, 2005. p.233-250.

VIANA, Suzana Alves. **Contratransferência**: a questão fundamental do psicanalista. 1. ed. São Paulo: Escuta, 1993. 185p.